

*O presente livro de Paula Cristina Pereira, mais do que um esforço de legitimação de uma filosofia poética, constitui um passo importante na afirmação da sua urgência em prol da superação dos dualismos que persistem com a dicotomização do sentir e do pensar em hemisférios antropológicamente distintos ou, talvez melhor, preconceituosamente distanciados. É nesse sentido criticado nomeadamente o conceptualismo oriundo dos reducionismos cientificistas de todo o tipo que tendem a marginalizar, em nome do rigor e da eficácia, o mistério e a complexidade do pensamento. Crítica que traz consigo a proposta e a recuperação da óptica que a autora envolve nas expressões adjectivantes de pensamento de acolhimento e de pensamento-sentimento-atitude.*

*Ora, é aqui que por sua vez ganha corpo uma antropologia experiencial enquanto suporte reflexivo da própria experiência de acolhimento e enquanto experiência do mundo que proporciona ou é susceptível de proporcionar uma consciência pedagógica. Trata-se de uma antropologia em que o sentir emerge como a capacidade de se ser afectado e o sentimento como a capacidade de experienciar... É assim que ganha estatuto uma antropologia pedagógica experiencial de matriz poética que afirma o sentimento de pertença entre o que se sente e o que se pensa e que abrirá a imaginação e o pensamento à presença do excesso.*

*Aspecto particularmente aliciante do processo reflexivo da presente obra é o facto de a autora, para além de convocar coerentemente os contributos críticos de Leonardo Coimbra e de Teixeira de Pascoaes, que concorrem com evidência, pela sua poética experiencial, para a defesa das suas teses, confrontar-se com os limites paradoxais de alguns dos vultos – como Descartes e Kant – que tradicionalmente surgem como referenciais máximos do racionalismo. Racionalismo que enforma a filosofia sistemática cujos vazios e distorções aqui se denunciam mas que, precisamente nos seus limites, revela a ideia de excesso que, afinal, o percorre: o excesso da imaginação expresso, em Descartes, na dúvida hiperbólica; o sentimento de uma desproporção entre os dados da sensibilidade*

*e as possibilidades da razão no jogo kantiano entre o belo e o sublime. A que se seguem os excessos da vontade de poder em Nietzsche e da loucura em Foucault...*

*O desafio que representam as propostas de Paula Cristina Pereira parece-nos que poderá ser ilustrado com as metáforas que Michel Serres nos apresenta no seu livro *Les cinq sens* quando este nos põe perante a opção do método – que traça um caminho – e a do êxodo – que não aposta nos lugares da estabilidade mas antes no próprio caminho. O primeiro, será como o Atlântico (imenso, onde se podem fazer, por isso, percursos rectos); o segundo, como o Mediterrâneo (recortado, sinuoso, a convidar que se esqueça a ordem do percurso). O primeiro, assemelhar-se-á ainda ao universo do agricultor que tudo destrói em função de uma dada cultura; o segundo, ao do montanhês que se defronta com o emaranhado dos bosques. O primeiro, acabará por remeter para o exercício vigilante da epistemologia; o segundo, para o carácter projectivo da hermenêutica.*

*Sobre tudo isto, diremos finalmente nós, deverá erguer-se a itinerância antropológica enquanto caminho e projecto, rumo e errância, compreensão do sentido e confrontação com o mistério: pensar e sentir. Pensar sentindo.*

*Retomando o percurso da autora, verificamos que será a partir daqui que emergirá a articulação entre a condição antropológica e o ideal educativo numa união profunda marcada pela exigência de instauração de uma experiência total em que o "sentido dramático de pensar" se define "pelo projecto de construção de sentido com-sentido porque com sentidos".*

*Pensamos que assim se renova o humanismo e se reinaugura a antropologia...*